

COSTEIRAS

A PROPORÇÃO que se desenvolve, do sul para o norte, vai a serra do Mar, em território paulista, aproximando-se do oceano. Em Santos, não dista mais que vinte quilômetros do litoral, deixando uma reduzida faixa de baixada, em que se desenvolve o lagamar santista. Continuando para o norte, avizinha-se ainda da costa e cola-se a ela, desde o contraforte de Juqueriquerê. O desenho litorâneo, daí por diante, apresenta-se como um curioso recorte de pequenas baías e enseadas, separadas por pronunciados avanços dos esporões sobre as águas. Já não se encontram as longas praias do litoral sul, com as suas dezenas de quilômetros. Aqui, sucedem-se as enseadas e "costeiras". À enseada de Caraguatatuba, sucede-se a "costeira" da Laje; à praia de Massaguaçu, sucede-se a extensa "costeira" que a gente local apelidou serra da Lagoa. Daí por diante, o rendilhado das baías é ainda mais pronunciado e as "costeiras" adquirem uma fisionomia abrupta, entrando fundo pelo mar e não raro pontilhando-o de ilhas. As baías do Mar Virado, da Fortaleza e do Flamengo, contendo, no fundo, pequenas praias, são separadas por "costeiras" estreitas, longuíssimas, que as isolam, aparecendo as ilhas do Mar Virado e Anchieta, prolongando aquelas "costeiras". Depois da praia das Toninhas, surge a agreste "costeira" da Ponta Grossa, após a qual se desenvolvem as baías de Ubatuba, de Ubatubamirim e de Picinguaba, separadas por outras tantas "costeiras", estas ainda prolongadas em ilhas como as do Promirim, dos Porcos Pequenos, Comprida e das Couves.

Altas, abruptas, caindo subitamente sobre as águas, contornadas por lajes lisas e enormes, resultantes do intenso trabalho das ondas, apresentando cotas, junto ao mar, de cem, duzentos, trezentos e até mais metros, cobertas quase sempre de vegetação de porte, as "costeiras" marcam fortemente o desenho dessa costa pontilhada de enseadas, separando as baías e reentrâncias, isolando-as e forçando as suas comunicações pelo mar, mas também protegendo-as dos ventos e da ação do oceano. Aprofundando-se bastante, dentro das águas, fecham aquelas enseadas e baías, em que deságuam os curtos e correntosos cursos que descem da serra próxima. Com o material trazido por tais correntes, o mar vai operando, no fundo das baías, o seu esforço considerável, acentuando ou adoçando o desenho, conforme o terreno se apresente.

As populações locais escolhem, de preferência, os cantos das praias e enseadas, protegidos pelas "costeiras" vizinhas e à beira de algum ribeirão. Nesses cantos, quase sempre a ação modeladora do oceano proporcionou a existência de estreitas baixadas, em que se desenvolve o "jundu". Isolados pelas "costeiras" abruptas, de um lado, e pela mata de porte da serra, de outro, tais núcleos humanos vivem da pesca e de reduzida lavoura de subsistência. As necessidades da pesca, entretanto, podem levar os moradores a percorrer as "costeiras", quer quando os cardumes de tainhas provocam, pela sua posição, que o cerco se feche sobre elas, quer quando da pesca individual. Há que aproveitar-se, então, dos "saltadores", se fôr o caso de desembarcar de canoas, — onde o movimento das águas é vertical. Quando vem o "jazigo", isto é a onda mais forte, que leva a canoa em seu dorso até a altura do saltador, é preciso saltar rapidamente e firmar o pé no assento de pedra.

NELSON WERNECK SODRÉ

